

LIBERTAÇÃO

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE)

- Um programa de Roberto Lis

SPEAKER: - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM... (Sóbe a característica)

LIBERTAÇÃO!... (Sóbe outra vez a característica)

Libertação é mais um trabalho que Roberto escreveu especialmente para o Grande Teatro Difusora e que tem o patrocínio do Crédito Cruzeiro.

(ENTRA AQUI A PROFAGANDA)

As personagens de Libertação estão assim distribuídas:

| | |
|-----------------|------------------------------------|
| Marina..... | Lilia Maria |
| Alberto..... | Roberto Lis |
| Zélia..... | Alice Aveiro |
| Dr. Vernon..... | Alcides Olavo Engel |
| Alice..... | Ema Castro |
| Dr. Edison..... | Cláudio Dinarte Armando |
| Handelino..... | Cláudio Maria Rosa |

| | |
|-----------------------------|-------------|
| encarregado do Estúdio..... | Emílio Belo |
| sonorização de..... | |

(Sóbe a característica, baixando depois, aos poucos, até desaparecer)

Zélia - Vais sair? Não te atrepa!ho.

Marina- Não, não, estejas a vontade. Se me encontras assim preparada é porque Alberto ficou de passar aqui para ir comigo á loja comprar-me um vestido mas meu marido é tão esquecido que eu tenho a certeza de que só aparecerá aqui na hora do jantar.

Zélia - Mas então se tinhas certeza disto foi felice tua te aprontares toda.

Marina- Bem, pelas dúvidas eu achei melhor ficar preparada porque se por um milagre dos céos ele se lembrasse da promessa que me fez e viesse buscar-me, não te ria paciência de esperar se eu ainda fosse me vestir toda.

Zélia - E tu não brigas com ele, depois, por causa disto?

Marina- Para quê? Ele, coitado, não las por mai.

Zélia - Não faz por mai mas é desagradavel. Já que ele não tem cabeça para guardar as coisas, compra-lhe um caderninho e faz com que ele as anote.

Marina- Já tentei fazer isto mas não adiantei nada. Está punha o caderninho no bolso e se esquecia depois de revisá-lo.

Zélia - Ah não! Marido assim para mim não servia. Deus me livre que eu fôsse ficar pronta á espera de meu marido e ele não viesse buscar-me. Lá dava um estri-lo!... Não. Deixa lá que a vida de solteira tem as suas compensações. Às vezes me aborreço e tal mas quando eu vejo e que as minhas amigas casadas passam com os maridos, digo para mim mesma: Zélia, deixa de tougem de querer casar. Estás melhor assim.

Marina- Eu me aborreceria com o que me acontece se visse que Alberto fazia isto por desatenção. Mas não é, coitado. Ele fica depois tão triste, tão aborrecido que eu agora já nem mais o conservo que ele tenha esquecido isto ou aquilo. Coitado, ele luta muito. Depois os negocios nem sempre correm como a gente quer. Isso, por si, já é mais uma preocupação que o absorve.

Zélia - Tu és muito trouxa, Marina. Ora os negocios! Os negocios tem as suas horas lá no escritório como a mulher tem as suas na sua casa.

Marina - Tu queres ver a que ponto chega o esquecimento do Alberto? Ele outro dia, depois do jantar, voltou ao escritório para tirar umas faturas que deveria expedir pela primeira mala do dia seguinte. Voltou mais ou menos às dez e meia dizendo-se cansadíssimo. Estava ameaçado de gripe e eu fui pre- parar-lhe um chá. Quando venho com a bandeija ele dormia a sono soito, me- tido em baixo das cobertas, de sapatos, colarinho e etc, etc. Tinha se esquecido de tirar a roupa para deitar-se.

Zélia - (rindo) Misericórdia! Mas que coisa horrorosa!

Marina - Ainda não é tudo. Outro dia foi para o banheiro e meteu-se em baixo do chuveiro de pijama, meias e chinelos. Esqueceu-se também.

Zélia - Mas que horror, Marina! Não, mas o teu marido está doente. Tu devias to- mar qualquer providência. Devias levá-lo a um especialista. Isto deve ser exgotamento por excesso de trabalho, com certeza.

Marina - Acredito que sim. O Alberto coitado trabalha tanto que às vezes eu tenho pena dele. Tu queres ver o cúmulo do esquecimento? Outro dia ele me pergun- tava assim: minha querida como é mesmo o teu nome todo?

Zélia - Marina! Segue o meu conselho. Leva o teu marido a um especialista. Quando um marido chega a esquecer o nome da mulher o caso é muito sério. Qualquer dia ele se esquece que se casou contigo e deixa-te apitando na curva.

(CORTINA MUSICAL)

Laudelino - O seu nome?

Marina - (após uma pausa) O teu nome, meu querido.

Alberto - Ah sim. O meu nome... O meu nome é... Fale, Marina. Diga você...

Marina - Mas Alberto porque você não faz um esforço e não procura lembrar-se das coisas? Assim você vai picando cada vez mais. (dizendo o nome) Alber- to Casares.

Laudelino - (escrevendo) Alberto Casares. Idade?

Alberto - Idade? Idade... Trinta e...

Marina - Trinta coisa nenhuma, Alberto. (dizendo) Vinte oito anos.

Laudelino - (Escrevendo) Vinte e oito anos. O seu endereço qual é?

Marina - Marques do Lavradio, cento e sessenta e trez.

Laudelino - (escrevendo)..do Lavradio, cento e sessenta e trez. Tem telefone?

Marina - Sim senhor. Oito zero dois.

Laudelino - Oito zero dois. Está. Tenham a bondade de passar á outra sala que o dou- tor já vai atendê-los.

Marina - Obrigada. Vamos, Alberto.

(CORTINA MUSICAL)

Vernon - O que o seu marido tem, minha senhora, é o que geralmente se observa em to- dos os homens que se atiram ao serviço de corpo e alma. Os negocios entrã- nham-se demais pelos seus cerebros e permanecem depois ali como uma ideia fixa. E eles nas suas horas de repouso, que de per si já não são suficien- tes, não conseguem libertar-se daquela ideia. Almoçam pensando nos negoci- os, jantam pensando nos negócios e dormem pensando neles e sonhando com eles, igualmente.

Marina - O Alberto é assim, tal qual, doutor.

- Vernon - Óra, embora a creatura seja moça e gôse de saúde, chega a um ponto em que o cérebro se exgota.
- Marina - É claro. Era o que eu sempre dizia ao Alberto.
- Vernon - A obsessão dos negocios atrofia a memória para tudo o que não se relacione com eles. A senhora quer uma prova? Em que trabalha o seu marido.
- Marina - Num escritorio de exportação. É chefe de serviço.
- Vernon - Bem. Preste a atenção e permaneça calada. Seu Alberto, o senhor sabe a rua da sua casa, não sabe?
- Alberto - A rua da minha casa?... A rua da mi... sim, sim, sei. Sei a rua da minha casa, como não.
- Vernon - Sabe. Perfeitamente. Diga-me então o nome dessa rua.
- Alberto - O nome dessa rua...
- Vernon - O nome da rua da sua casa, vamos a ver.
- Alberto - O nome da rua da minha casa... o nome da rua da minha casa...
- Vernon - Não se lembra. Vamos a ver o numero da casa, então.
- Alberto - O numero da casa é... O numero da minha casa...
- Vernon - Bem, bem, deixemos isto. Vamos conversar sobre outras coisas. Vejamos em seu escritório quais os artigos que tem exportado em maior quantidade, nestes ultimos tres meses.
- Alberto - Arroz, herva mate, cebolas e peixe. Estes são os artigos que mais exportamos em qualquer tempo. Numa estatística recente verificamos um embarque, de dois meses para cá, de vinte e dois mil sacos de arroz, dezessete mil sacos de herva mate, doze mil quilos de cebolas, além do peixe que...
- Vernon - Basta, basta. Não é preciso mais. Estou satisfeito. A senhora viu que é justamente o que eu queria de lhe dizer? Ele não se lembra do nome da rua da sua casa nem do numero da mesma e no entanto sabe com precisão os kilos de cebola e os sacos de arroz que exportou. O que o seu marido precisa, antes de mais nada, minha senhora, é de um grande repouso e alguns tónicos. Vou receitar-lhe um fortificante para o cérebro, umas injeções e dentro de uma semana a senhora terá a bondade de voltar ao meu consultorio.

(CORTINA MUSICAL)

- Vernon - Lemaste-lhe o nome?
- Laudelino - Sim doutor.
- Vernon - O endereço também?
- Laudelino - Sim, doutor.
- Vernon - Tem telefone?
- Laudelino - Tem, doutor. Está tudo assentado ali na ficha.
- Vernon - Amanhã, na primeira hora, pede-lhe que venha ao meu consultorio que preciso falar-lhe. Mas que venha só.
- Laudelino - Sim, doutor. Manda mais alguma coisa?
- Vernon - Por hoje é só. Fôde-se. (Passos que se afastam) Nunca vi uma pessoa de mulher que me impressionasse tão profundamente...

(CORTINA MUSICAL)

Zélia - Sim, acho melhor.

Laudelino - Tenha a bondade, minha senhora, por aqui. (Passos)

(Rápida passagem musical)

Marina - Não, doutor, eu não sei se terei coragem de fazer isto.

Vernon - Mas minha senhora, é necessário considerar que não há outra solução. Esta é a única medida pela qual a senhora poderá conseguir o restabelecimento de seu esposo.

Marina - Mas é horrível! Eu fiquei tão nervosa quando o seu enfermeiro telefonou para a minha casa! Parece que eu estava prevendo uma notícia muito desagradável.

Vernon - Infelizmente o dever profissional nos obriga a isto muitas vezes. (Pausa) E então? O que resolve?

Marina - Doutor: eu vou ser muito irônica ao senhor. Infelizmente a nossa situação, no momento, é um tanto embaraçosa e eu não disponho de meios para internar meu marido. Um sanatório custa sempre uma apreciável quantia mensal que eu não terei como conseguir.

Vernon - Óra, óra, minha senhora, por favor! Não seja este o motivo pelo qual a senhora deixará de proporcionar ao seu marido os recursos que ele necessita. Afinal, nós, os médicos, não visamos exclusivamente, nos nossos clientes, o interesse financeiro. Há também, para nós, deveres de humanidade aos quais não nos seria lícito fugir. Eu possuo, há alguns quilômetros da cidade, uma quinta de repouso onde estão recolhidos vários dos meus doentes e nem todos eles me oferecem remuneração. Não haveria nenhum inconveniente para mim que seu marido fosse também para lá nas mesmas condições.

Marina - Seria muita generosidade da sua parte, doutor. Eu me sinto até comovida com a sua bondade... não sei, entretanto, se eu teria o direito de aceitar o seu oferecimento...

Vernon - Óra esta e porque não?!... Se eu, como médico, sou o primeiro a lhe afirmar que é uma medida de absoluta necessidade? Não há razão nenhuma em sentir constrangimento. E creia que, além do mais, só o fato de conseguir restabelecer-lo de uma molestia de tamanha gravidade, já será para mim uma retribuição generosamente compensadora.

Marina - Obrigada, doutor, muito obrigada. O senhor é de uma bondade infinita e eu nem sei como lhe agradecer, entretanto... existe ainda uma outra dificuldade de a remover...

Vernon - Fale com franqueza. Não tenha nenhum constrangimento. Eu faço questão de ser não somente o médico dos meus clientes mas também o amigo.

Marina - É que... doutor eu... eu não tenho ninguém aqui, compreende? Eu poderia desalugar a casa onde moramos, poderia vender os móveis, também, mas... eu não tenho para onde ir nem com o que fazer frente a essas despesas se o meu marido não trabalhar.

Vernon - Compreendo, compreendo. Mas... digamos... a senhora não se sentiria com coragem para trabalhar?

Marina - Naturalmente que sim, mas... o senhor compreende também que não será tão fácil assim arranjar-se um lugar. E depois as minhas habilitações não são muitas.

Vernon - A senhora sabe escrever a máquina?

Marina - Sim. Casualmente o único diploma que possuo é o de datilógrafa.

Vernon - Neste caso estão removidas todas as dificuldades. A senhora ficará trabalhando aqui comigo.

(CORTINA MUSICAL)

(Ruído de máquina de escrever por alguns instantes)

Vernon - Dona Marina... (cessa o ruído da máquina)

Marina - Pronto, doutor.

Vernon - Já passou para o fichário todos os dados dos clientes atendidos ontem?

Marina - Já doutor. Há alguma modificação a fazer?

Vernon - Sim. Na ficha de Madame Olivier será necessário alterar a ~~XXX~~ idade. Seu marido esteve hoje aqui e disse-me, em conversa, que ela está com trinta e nove anos, quando ela me disse que tem apenas vinte e sete. ~~XXX~~ Essa diferença, ainda que não pareça, tem capital importância num diagnóstico.

Marina - (risonha) Perfeitamente, doutor. Vou tomar nota aqui e depois farei, na ficha, a necessária corrigenda.

Vernon - Todos os distúrbios nervosos de Madame Olivier prendem-se justamente à sua idade verdadeira. Ela sofre do complexo da veihice. (Volta o ruído de máquina de escrever mais alguns instantes) Dona Marina... (cessa o ruído da máquina) Temos alguma consulta marcada para amanhã de manhã?

Marina - Uma, apenas, para as onze horas, doutor.

Vernon - Veja, então, uma hora qualquer disponível à tarde e troque-a. Quero aproveitar a manhã para a minha visita semanal à quinta de repouso.

Marina - Sim senhor. (Pausa) Doutor... eu não poderia acompanhá-lo à Quinta amanhã? Tinha tanta vontade de ver meu marido.

Vernon - Não, dona Marina. Nos casos como os do seu esposo, quanto maior tempo o doente estiver afastado da família mais benéficos serão os resultados obtidos. Faz apenas vinte dias que ele foi internado e durante trez meses eu não consentirei que a senhora se aviste com ele.

Marina - Tanto tempo, doutor? Trez meses?

Vernon - Trez meses, sim. É isto se tudo correr como eu espero, do contrário terá que resignar-se a uma separação ainda maior. Bem, agora eu vou atender uns chamados externos e se às cinco e meia não estiver de volta a senhora pôde fechar o consultório. Ah é verdade, aqui tem a senhora duas entradas para a Ópera esta noite. Recebi-as de presente de um amigo e como vou estar ocupado numa conferência a senhora, se quiser, poderá aproveitá-las.

Marina - Obrigada, doutor. Aceito-as para dá-las a alguém porque eu não vou a parte alguma.

Vernon - Faz mal. Quem trabalha tem necessidade de distrair-se. Seu marido adoeceu, justamente, por não cuidar de outra coisa sinão do trabalho. Não queira seguir-lhe igual destino. Ponha de parte essas tolas convenções da sociedade e vá distrair o seu espírito.

Marina - Não sei, doutor... Compreendo que o senhor está com a razão mas... confesso-lhe que não acho geito de ir a parte alguma sem ele.

Vernon - Bem sei que a principio custará mas a senhora depois há de se habituar. Comece hoje. Faça de conta que é um remédio de sabor pouco agradável mas que lhe fará bastante bem.

(CORTINA MUSICAL)

Zélia - O Dr. Vernon telefonou para a minha casa especialmente para me recomendar que insistisse contigo para que iósses ao teatro.

Marina - Mas eu não sinto a menor disposição, Zélia.

Zélia - Mas lá tu vais te distrair. Eu te acompanharei.

Marina - Prefiro dar-te as entradas para que vas com qualquer outra pessoa.

Zélia - Com mais ninguém irei sinão contigo. Tanto mais que se insisto contigo é pelo pedido do Dr. Vernon.

Marina - Que ideia a dele a de telefonar para a tua casa só para te fazer um pedido destes!

Zélia - Naturalmente é porque ele acha que tu tens necessidade de distrações.

Marina - Mais adiante eu irei. Por óra não desejo.

Zélia - Nada disto. Iremos hoje as duas. Vamos ver a Traviata que é uma maravilha. A dizem que a soprano é magnífica.

Marina - Não sei, Zélia, não sei...

Zélia - Não sabes tu mas sei eu. Tu sabes que quando eu quero uma coisa, quero por que quero. Está resolvido. Vamos hoje ao teatro.

(CORTINA MUSICAL) (ANÚNCIOS)

Zélia - (meia voz) Repara como ela é bonita!...

(Ouve-se "La forza é lui" da Traviata, cantada por soprano com acompanhamento de orchestra - DISCO -) (Ao terminar o número aplausos prolongados)

(CORTINA MUSICAL)

(Aplausos no estúdio)

(Ruido de automovel em movimento)

Zélia - E então? Estás arrependida de ter vindo?

Marina - Arrependida propriamente não direi, mas cada vez que penso em Alberto sinto assim uma espécie de remorso.

Zélia - Deixa de ser tãla, Marina. Tu deves encarar isto como uma necessidade absoluta para o teu espirito.

Marina - O Dr. Vernon afirma que se eu não fizer assim, quando o Alberto ficar bom eu estarei doente.

Zélia - É claro. E por falar nele... não o viste á saída do teatro?

Marina - Não.

Zélia - Meu Deus! Tirou o chapéu e curvou-se todo num cumprimento. É muito cavalheiro, não é verdade Marina? Eu o aprecio tanto!

Marina - É um homem extraordinário. Acho que de joelhos a seus pés eu não lhe agradeceria tudo o que tem feito por mim.

Zélia - É verdade. (Pausa) Queres ir a uma confeitaria tomar qualquer coisa?

Marina - Não, não, obrigada. Prefiro ir diretamente para casa.

(CORTINA MUSICAL)

Vernon - Temos algum cliente para a nora seguinte, dona Marina?

Marina - Tínhamos, sim doutor. Era a senhora Menezes, mas ela telefonou avisando que está com um dos pequenos doentes e que por este motivo terá que deixar em suspense a sua consulta até que possa vir ao consultorio. Disse que quando for possível combinará uma outra hora com o senhor.

Vernon - E a senhora não deu a hora a nenhum outro?

- Marina - Não, doutor, não foi possível porque ela avisou às oito e meia, que é a hora que abrimos aqui, dizendo que o menino adoecera durante a noite...
- Vernon - Bem, não tem importancia. Com isto eu descansarei um pouco. A manhã inteira na Quinta de Repouso, foi das mais fatigantes, ainda que pareça um paradoxo.
- Marina - E meu marido, doutor? Como o encontrou? Eu estava arlita para saber noticias dele mas o primeiro cliente já entrou com o senhor e eu não pude falar-lhe.
- Vernon - Vai indo. As melhoras não poderão ser tão rápidas como se desejaria que fossem.
- Marina - Desculpe, doutor... ele... ele perguntou por mim?
- Vernon - Não, dona Marina. A sua preocupação exclusiva continua sendo o embarque de arroz, de herva mate, cebolas e peixe. É preciso darmos tempo ao tempo. E o espetáculo de ontem, que tal achou?
- Marina - Gostei muitissimo, doutor. Peço-lhe muitas desculpas porque Zélia me disse que o senhor nos cumprimentou à saída e eu não o vi.
- Vernon - A conferencia terminou mais cedo do que eu esperava e ainda cheguei em tempo de assistir ao terceiro ato. Fiquei muito satisfeito quando a avistei, do camarote onde me encontrava, porque vi que a senhora, finalmente, resolveu-se a aceitar os meus conselhos de medico e de amigo.
- Marina - Zélia insistiu tanto comigo que não tive outro remedio sinão acabar cedendo.
- Vernon - Fez muito bem a sua amiguinha. Não me canso de dizer que é uma grande necessidade um pouco de distração para quem trabalha tanto.
- Marina - O trabalho, doutor, em certos casos, é tambem uma distração.
- Vernon - Sim, não direi ao contrário mas a verdade tambem é que um pouco de musica boa é sempre um tônico poderoso para a alma da gente. O colega que estava comigo mostrou-se vivamente impressionado pela sua beleza e pela sua elegancia.
- Marina - Óra, doutor... francamente... acredite que não tive a menor intenção de apresentar-me diferente do que sou. Puz o único vestido que possuo em condições de apresentar-me em público.
- Vernon - A senhora poderia estar numa situação muito diferente, se quizesse...
- Marina - (desconversando) Doutor, á propósito de umas anotações que o senhor fez na ficha numero sessenta e sete, eu desejava alguns esclarecimentos do senhor. (campanha de telefone a alguma distancia) Com licença, sim? O telefone da sala de espera está chamando. Vou atendê-lo. (Passos que se afastam)

(CORTINA MUSICAL)

- Alice - Como não o esperavamos hoje, o doutor Edison foi dar uma volta até o fundo da Quinta para dar uma vista de olhos ao pomar e á horta, mas já mandei avisá-lo que o senhor está aqui e ele não deve demorar.
- Vernon - Não houve nenhuma novidade desde a minha visita da semana passada?
- Alice - Não, doutor. Tudo continúa no mesmo. O cliente do número nove é que não se conforma com a reclusão. Diz que há mais de um mez que se sente completamente restabelecido e que tem necessidade urgente de voltar á cidade.
- Vernon - Para retornar outra vez ao trabalho antes que a cura esteja solidificada. Não. Ele terá que permanecer ainda mais algum tempo por aqui.
- Alice - Doutor, desculpe mas... a sua maior ansiedade percebe-se claramente que é por saúde da esposa. Quem sabe se ela viesse vê-lo...

Vernon - (interrompendo-a) Não, não, não, dona Alice. Absolutamente. Os meus doentes aqui não recebem visita de pessoa alguma das suas famílias. A senhora bem viu o quanto foi prejudicial áquele menino do número onze, a visita de sua mãe. O regulamento da casa tem que ser cumprido sem excepção.

Alice - Bem, doutor, eu compreendo. Eu apenas sugeri que ela viesse visitá-lo porque acreditei que isto o prendesse por mais algum tempo aqui, do contrário eu prevejo que mais dia, menos dia ele fugirá.

Vernon - Neste caso será absolutamente necessário vigiá-lo sempre. E se fôr preciso ele será enclausurado. (Passos que se aproximam)

Alice - Aí vem o doutor Edison. Ele, com certeza, vai lhe falar sobre este caso. Com licença, doutor. (Passos que se afastam)

Edison - Bom dia Dr. Vernon. (Vernon responde) Desculpe se o fiz esperar. O chacareiro ha muito que insistia comigo para dar uma olhada ás plantações e como não o esperava esta manhã...

Vernon - Dona Alice já me deu as explicações necessárias. Não tem importancia isto.

Edison - Algum caso extraordinário, doutor?

Vernon - Não, não. Como tenho justamente amanhã uma reunião na sociedade de Psicanálise aproveitei a manhã de hoje para chegar até aqui. Também por aqui parece que não ha novidade nenhuma?

Edison - Não. Tudo bem, felizmente.

Vernon - A dona Alice esteve me falando sobre o doente do numero nove?

Edison - Ah sim, é verdade. O seu Alberto está impacientissimo pelo dia da sua libertação. Ontem ainda estivemos conversando muito tempo e eu procurei convencê-lo de permanecer pelo menos uns quinze dias mais.

Vernon - É pouco. Deverá ficar, no mínimo, quarenta e cinco dias mais.

Edison - Ele não ficará, doutor. Tem sido um trabalho insano convencê-lo por quinze dias, quanto mais quarenta e cinco.

Vernon - Mas será preciso que fique. Nem que seja necessário trancá-lo a chave num quarto de grades.

Edison - Doutor, eu o tenho observado longamente e tenho a impressão de que ele está realmente completamente restabelecido. Tenho sempre estado de acôrdo com o senhor em todos os casos mas neste parece-me que o senhor está sendo um tanto rigoroso. E depois é natural, o rapaz está louco de saudades da esposa. Não ha um dia em que não fale nela e que não se queixe da reclusão em que vive e da impossibilidade de comunicar-se com ela ao menos pelo telefone. ra rece-me que isto, afinal...

Vernon - (interrompendo-o) Basta, doutor, Edison. Eu sou o Diretor desta casa e as minhas ordens devem ser cumpridas sem discussão.

Edison - Perdão, doutor, eu não pretendi discutir as suas ordens. Nunca fiz semelhante coisa. Eu quiz apenas trocar ideias a respeito de um doente que, na minha opinião, já está completamente restabelecido na mais de dois mezes. Se o senhor recusa as minhas sugestões eu me resigno. Se discorda do meu diagnóstico eu me conformo e se ordena que o retenha por mais tempo eu obedeco.

Vernon - É bom. Eu sei perfeitamente aquilo que faço.

(CORTINA MUSICAL)

Marina - Dona Alice, o doutor não pode esperá-la. Deixou este cheque ao portador para que a senhora o recebesse no Banco Ultramarino.

- Alice - Óra, que pena! Eu precisava tanto falar com ele mas não foi possível vir mais cedo. No onibus das onze eu não podia abandonar o serviço da manhã que é sempre muito e no das duas a gente vem chegar aqui depois das cinco.
- Marina - É, sim. A Quinta é tão distante e a condução tão difícil! E o meu marido, dona Alice, que notícias a senhora me dá?
- Alice - Óra, dona Marina, eu desejava tanto trazer-lhe umas notícias mais animadas mas... Creio que o doutor já lhe terá falado alguma coisa, não?
- Marina - Sim, ele me falou, realmente... mas não creio que tenha sido tudo. Acho que por compaixão ele ainda não me terá dito toda a verdade.
- Alice - É uma pena, realmente. Um rapaz tão moço... O doutor tem sido incansável com ele! Nem a senhora imagina o que aquele homem tem feito para salvá-lo!
- Marina - Infelizmente eu já não alimento mais nenhuma esperança e estou resignada a tudo o que possa acontecer. Só não me conformo de não poder vê-lo. São sete meses de ausencia, quâsi.
- Alice - É realmente muito dolorosa a sua situação, eu compreendo, mas também para que o veja como está é bem melhor que guarde dele a lembrança do tempo em que estava são.
- Marina - É. Talvez. É essa a única ideia que me consola!...

(CORTINA MUSICAL)

- Vermon - Quero que acredite que eu fiz tudo o que era possível fazer para salvá-lo.
- Marina - (chorando) Bem sei, doutor... bem sei... Não fôsse a sua bondade tão grande e eu nem sei o que seria hoje da minha vida!... (chora)
- Vermon - Bem sei que num momento como este as palavras são ôcas e nada significam aos ouvidos de quem sofre. Tenha coragem, no entanto, dona Marina, porque a senhora é ainda muito moça e talvez que o futuro ainda lhe reserve horas dignas de serem vividas. Confie no tempo cujo poder cicatrizante é verdadeiramente maravilhoso!...
- Marina - (chorando) Eu desejaria ver o meu marido pela última vez, doutor.
- Vermon - Sei que é doloroso o que lhe vou dizer e acredite no pesar com que o faço, mas... seu marido já está enterrado, dona Marina.
- Marina - Mas doutor... como é possível que só depois de tudo consumado... oh doutor! (desatando a soluçar) Que coisa horrível, meu Deus!...
- Vermon - Tem razão, dona Marina. Toda a razão, até. É realmente uma coisa horrível o que nos fizemos. E se digo "nos fizemos" é porque eu também só fui tomar conhecimento dos fatos depois de tudo consumado. Foi o Dr. Edison o responsável por esta barbaridade e já o puni com o afastamento do cargo de Diretor Interno da Quinta do Repouso.
- Marina - Mas porque terá ele feito isto? Que razões o teriam impellido a proceder desta forma?
- Vermon - As suas alegações foram de que o telefone estava com as linhas interrompidas e que não dispunha de uma pessoa que pudesse vir aqui especialmente trazer-me a notícia. No dia seguinte a situação permanecendo a mesma e exgotando-se o prazo em que poderia conservar insepulto o cadáver, resolveu enterrá-lo, mesmo à nossa revelia. Afastei-o não só pela minha indignação como pela leviandade do ato cometido que poderia trazer sérias consequências para a ~~minha~~ minha casa e para o meu nome, se não fôsse tratar-se justamente da senhora a quem dispensei sempre todas as considerações.
- Marina - Bem sei que não terei outro remedio si não resignar-me à situação, mas é horrível!...

Vernon - Tenho ímpetos de cair em a seus pés, de joelhos, e pedir-lhe perdão pelo que aconteceu.

Marina - Óra, doutor, eu bem sei que o senhor não teve nenhuma culpa. E se alguém deve cair de joelhos sou eu, por tudo o que fez por ele e pelo que faz por mim!...

(CORTINA MUSICAL)

Zélia - Não compreendo como ainda possas estar hesitante ante as propostas do Dr. Vernon, Marina. Um homem tão bom, que sempre te respeitou e que mostra que rer-te tanto!...

Marina - Sim, Zélia, eu não deixo de considerar tudo o que dizes mas... faz tão pouco tempo!

Zélia - Óra, Marina, nem tão pouco! Mais de seis mezes. Acho que ninguém terá o direito de reprovar-te. Digo-te mais: é mil vezes preferível que comentem que te casaste muito pouco tempo após a morte de teu marido, a comentarem outras coisinnas maldosas que tu sabes que sempre surgem entre uma viuva moça e um chefe solteiro.

Marina - Sim, bem sei... é outro argumento que não poderei deixar de desprezar.

Zélia - Ad menos como esposa dele, o máximo que poderão dizer de ti é que esqueces te depressa o Alberto mas isso é uma questão de carater intimo, que só a ti interessa e que os outros não tem nada que ver com isto. Aceita-o e deixa de ser tãla. Não vê que eu ia deixar escapar um partido destes. Olha, vou te dizer mais: se tu de todo não quizeres, passa procuração para mim que o agarro com unhas e dentes.

Marina - E tu te casarias assim como ele quer, apenas pelo civil?

Zélia - Mas claro! Não tem dúvida que pelos dois seria melhor, mas uma vez que ele quer assim, é o civil que vaite garantir no futuro...

Marina - Não sei, Zélia... eu gostaria de esperar mais algum tempo.

Zélia - Mas o homem está cansado de esperar. Ele quer tudo o mais rápido e mais sim ples possível. No cartorio, de manhã bem cedo, com duas testemunhas apenas. Eu pela tua parte e por parte dele d/ sua enfermeira, Laudelino. E eu fiquei de dar-lhe uma resposta definitiva amanhã de manhã, portanto tens mais duas horas para pensar, mas não te esqueças de uma coisa: um homem como o Dr. Vermon só se encontra uma vez na vida.

(CORTINA MUSICAL)

Zelia - Deixa que te abrace, relizarda. Oh, como eu invejo a tua sorte! Sejas bem feliz.

Marina- Obrigada, Zélia.

Zelia - e agora vais me dar licença que dê também um abraço em teu esposo.

Marina- É claro. Madrinha e amiga. tens todo o direito.

Zélia - Seja feliz, doutor. Sejam muito felizes os dois.

Vernon- Obrigado, Zélia. Muito obrigado. Você tem sido uma excelente amiga.

Laudelino- Os me us parabens, Madame, Vernon.

Marina - Muito obrigada, Laudelino.

Laudelino- E ao senhor também, doutor. Os meus sinceros parabens.

Vernon - Obrigado, obrigado, Laudelino. Muito obrigado. Convido agora as *as madrinhas* a irem connosco até à nossa casa para tomarmos uma taça de champagne.

(CORTINA MUSICAL)

(ANÚNCIOS)

(CORTINA MUSICAL)

- Zélia - Foi uma pena que vocês não tivessem ido à reunião em casa de dona Clementina. Olha que o doutor Vermon tinha me prometido que te levaria.
- Marina - Prometer é fácil, Zélia. Cumprir é muito mais difícil. Vermon não gosta que eu saia de casa. Nestes quatro meses de casados saímos apenas duas vezes e assim mesmo à noite.
- Zélia - Mas é uma judiaria. Ele não tem o direito de prender-te assim.
- Marina - O que queres que faça? Casei-me com ele, o seu temperamento é este eu tenno que me sujeitar.
- Zélia - Ah é verdade. Dona Clementina apresentou-me a um rapaz simpaticissimo. Conversamos a noite toda. Ele conhece muito o Dr. Vermon. E a ti também, de nome. Parece que ele tratou do teu primeiro marido... Ele não sabia que o Alberto havia falecido nem que te havias casado com o Dr. Gernon. Ficou muito admirado quando lhe disse.
- Marina - Dizes que ele tratou do Alberto? Mas eu nunca procurei outro medico que não fôsse o Vermon?
- Zélia - Eu não tenno bem certeza. Parece que ele me disse que o tratou.
- Marina - Como é o nome desse rapaz, tu não sabes?
- Zélia - Doutor Edison... Edison... espera aí deixa ver se eu me lembro do sobrenome.
- Marina - Já sei quem é. Não é preciso lembrar o sobrenome. Só me admiro que ele tenna mostrado surpresa com a morte do Alberto ~~xxxxxx~~ quando ela foi justamente a causa pela qual ele perdeu o lugar que ocupava na Quinta do Repouso. Foi ele quem o mandou enterrar antes que nós tivéssemos tomado conhecimento da sua morte.
- Zélia - Não me diz!
- Marina - Foi. E se ele te tornar a falar no assunto mostra-lhe que sabes tudo para que ele não te faça de boba.

(CORTINA MUSICAL)

- Marina - É esta a primeira vez, depois de casada, que saio sem meu marido e sem o seu conhecimento, entretanto foram tantas e tão graves as revelações que o senhor me prometeu pelo telefone que acabei cedendo à curiosidade e aceitando este encontro furtivo. Advirto-lhe, porem, que não poderei permanecer aqui mais de meia hora.
- Edison - Será o tempo suficiente para que eu desmanche a lamentavel trama em que estava envolvido, sem nem ao menos suspeitar. Sua amiga Zélia revelou-me a sua convicção de que eu havia sido arastado da Quinta de Repouso do seu atual marido, pela morte do seu marido anterior.
- Marina - É verdade.
- Edison - Pois é um engano. Deixei a Quinta muito antes de ser noticiada a morte de ele. Vou lhe contar como tudo se passou: Uma tarde, ao regressar de um pequeno passeio que costumava fazer, ~~à tarde~~, pelos arredores da quinta...

(Rápida frase musical)

- Alberto - (gritando, desesperado, ao longe) Soltem-me! Soltem-me!... Bandidos!... Malvados!... Soltem-me!...
- Edison - O que é isto?... Quem está gritando desta forma?
- Alice - É o doente do quarto nove. Está na cela de grades. (Gritos de Alberto)

- Edison - Na cela de grades? Mas porque?
- Alice - Por ordem do Dr. Vernon. Ele foi surpreendido justamente quando fugia e o doutor deu ordem para que se isto acontecesse que o encerramos lá.
- Edison - Mas não é possível. Eu não posso admitir uma coisa destas. Dê-me a chave da cela que eu vou soltar esse homem. (Gritos de Alberto ao longe) Vamos, dê-me a chave da cela, não ouviu?
- Alice - Desculpe, doutor Edison, mas eu só entregarei essa chave por ordem do Dr. Vernon.
- Edison - Pois bem, ele vai transmitir-lhe esta ordem pelo telefone e aviso-lhe, desde já, que vou exigir a sua retirada desta casa, por não ter acatado as minhas ordens. (Ruído de dicar. Pausa) Longa distancia? Eu desejo falar com o consultório do Dr. Vernon. Com urgencia, senhorita. (Pausa. Gritos de Alberto ao longe)
- Vernon - (após uma pausa e um ruído característico, um pouco afastado sempre do microfone) Pronto. Doutor Vernon atendendo.
- Edison - É Edison que fala aqui, doutor Vernon. Está se passando um fato muito desagradável e eu desejava que o senhor tomasse severas e imediatas providências. A enfermeira Alice encerrou na cela de grades o doente do quarto número nove, alegando que ele tentou fugir e nega-se agora a entregar-me essa chave para que o ponha em liberdade. Vou passar o fone a ela para que o senhor lhe transmita essa ordem.
- Vernon - Não é necessário, doutor Edison. O doente permanecerá na cela de grades, entendeu?
- Edison - Mas doutor, perdão. Eu não posso admitir uma coisa destas.
- Vernon - Quem não pôde admitir que o senhor queira se insurgir contra as minhas ordens sou eu. (Gritando) Ele ficará na cela de grades. E se o senhor não concorda em obedecer-me retire-se. (Ruído de desligar telefone)

(Rápida frase musical)

- Edison *Narrando* - Deante do sucedido, na mesma noite abandonei a Quinta do Repouso e até falar com sua amiga Zélia nunca mais havia posto lá os meus pés. Deante, porém, da acusação que a senhora me impunha, resolvi-me a voltar lá ante-ontem e muito secretamente, pelo chacareiro, tive informações de que seu marido ainda está vivo...
- Marina - (num grito de pavor) Doutor!... O que me diz, doutor?!...
- Edison - e continua até hoje prisioneiro na tal cela de grades.
- Marina - Não é possível, meu Deus!... Isso seria uma infâmia sem nome.
- Edison - E afianço-lhe mais. hoje sim. Hoje, graças ao castigo terrível que lhe impuzeram ele está louco furioso. (Ela desata a soluçar) Quiz que a senhora soubesse a verdade para tomar as providências que o caso exige.

(CORTINA MUSICAL)

- Vernon - (furioso) É mentira. É um embuste desse sujeito para vingar-se de eu o ter posto na rua. Então não compreendes isto? Não ves que tudo é apenas uma vingança dele?
- Marina - Mas eu não poderei ter mais um só minuto de paz se não verificar tudo com os meus olhos. Exijo que me deixes ir à Quinta do Repouso.
- Vernon - Pois bem, seja. Levar-te-ei lá amanhã. Mas juro-te que esse sujeito me pagará bem cara essa infâmia!...

(CORTINA MUSICAL)

Vernon - Alô! É dona Alice que está ao telefone?

Alice - (um pouco afastada) Sim, doutor, sou eu.

Vernon - Remova o homem da cela para qualquer lugar longe da quinta, onde os seus gritos não possam ser ouvidos.

Alice - Mas doutor ele está furioso e não teremos nenhum lugar onde ele possa estar tão seguro como na cela.

Vernon - Mas será questão de poucas horas, creatura. É absolutamente necessário, está compreendendo? Ela insiste em ir aí amanhã e não terei remédio senão levá-la. Ponha-o numa camisa de forças e prenda-o lá no fundo, nas cocheiras, até que tenhamos regressado.

Alice - Está muito bem, doutor. As suas ordens serão cumpridas. (ruído de desligar telefone)

(CORTINA MUSICAL)

Laudelino - Pronto, dona Alice. É Laudelino quem fala aqui. Que novas ha?

Alice - O doutor não está?

Laudelino - Já foi para casa.

Alice - Dê um jeito de avisá-lo que eu transferei o louco para as cocheiras mas que ele desapareceu de lá misteriosamente. Quando fui verificar se as portas estavam bem trancadas encontrei o ~~techo~~ teto destelhado e a cocheira vazia. Talvez seja conveniente que o doutor não se exponha a vir amanhã, diante desta situação.

Laudelino - Está bem, dona Alice. Eu irei agora mesmo à casa do doutor para avisá-lo.

(CORTINA MUSICAL)

Vernon - Estou certo que não puzeram a camisa de forças como eu ordenei. Se a puzessem ele não poderia ter destelhado a cocheira.

Laudelino - (tom de segredo) Não sei, doutor. Sei apenas que ela telefonou muito aflita, avisando-lhe isto. (Pausa) Ordena alguma coisa?

Vernon - Sim, Laudelino. Você telefone de Iôra para cá procurando por mim. Eu pedirei a ela que o atenda e que lhe peça o recado. Você dirá que está marcada para amanhã uma operação de urgência e que eu terei que transferir para depois de amanhã a minha ida à Quinta do Repouso.

Laudelino - Perfeitamente doutor Vernon. E é que horas deverá descer sua esposa para que eu possa telefonar?

Vernon - Ela deverá descer daqui a pouco mais para o jantar. Dentro de meia hora, talvez. Telefone também para a Quinta e diga que eu ordene severamente que seja efetuada uma busca pela noite toda. Que não cessem de procurar enquanto ele não for encontrado. E é só, Laudelino. Pode ir.

Laudelino - Boa noite, doutor. (Vernon responde) (Passos que se afastam)

Vernon - (furioso, entre dentes) Ora já se viu o que me havia de acontecer justamente agora? Será bom que o recado de Laudelino convença de desistir dessa viagem amanhã. Se apesar de tudo ela insistir em ir...

Marina - (áspera) Não insistirei, doutor. (Susto enorme de Vernon) Não insistirei porque não é mais necessário ir até lá para ter a certeza de tudo.

Vernon - Como... O que queres dizer com isto?

Marina - Que ouvi toda a sua conversa ali detraz daquele reposteiro. O senhor é um criminoso.

- Vernon - (Quási súplice) Um criminoso de amor, Marina. Tudo que fiz foi por querer-te desvairadamente.
- Marina - (violenta) Saia. Não me toque com as suas mãos criminosas. Sinto áscio. Sinto nojo do senhor.
- Vernon - (violento e ameaçador) Marina!...
- Marina - Não me assustam os seus gritos. Agora mesmo irei denunciá-lo para que receba o premio de todos os seus crimes.
- Vernon - Vá, se quiser. A mim pouco importa tudo ~~mais~~, uma vez que tenha perdido o seu amor. Lembre-se, porém, que a sua denuncia arrastará também ao castigo as testemunhas do nosso enlace, responsáveis por ele perante a lei. Dará uma esplendida retribuição à amizade de Zélia.
- Marina - Cale-se, por favor. Não me fale mais porque até o timbre da sua voz causa-me repulsa. (Pausa. Desesperada, chorando muito) Oh meu Deus, meu Deus!... Que crime eu terei praticado para merecer um castigo tão cruel?... (Soluços)

(CORTINA MUSICAL)

- Vernon - (nervoso) Advirto-te que continuarás prisioneira ~~dentro~~ dentro deste quarto enquanto não modificares o teu estado de ânimo.
- Marina - Ficarei então aqui a vida toda porque odeio-te cada vez mais e não consigo esquecer o teu crime nefando.
- Vernon - Dia virá em que has de desejar a tua libertação.
- Marina - De que me valerá essa libertação se eu tenho certeza de que hei de continuar, indefinidamente, prisioneira da minha revolta contra o senhor? Deixe-me aqui, mande-me para outro lugar, se quiser, mate-me, ainda, se fôr esse o seu desejo, só o que lhe suplico é que não me imponha esse castigo tão duro de vê-lo constantemente à minha frente. E se não quer que eu enlouqueça também, ~~saia~~ saia. (Pausa. Grátando) Saia!... (gritando muito) Saia da minha frente que já não tenho mais forças para suportar a sua presença!...

(CORTINA MUSICAL)

(Ruido de chuva e trovoadas fazendo fundo para toda a cena) (Batidas na porta a uma certa distancia).

- Edison - (para longe) entre. (porta que se abre e passos que se aproximam)
- Alberto- Desculpe, doutor, se venho importuná-lo.
- Edison - Quem é o senhor?
- Alberto- É natural que não me reconheça. Devo estar profundamente mudado depois de tantos mezes de sofrimento.
- Edison - (aterrado) Alberto!... (atrapalhado e assustado) Mas... seu Alberto, eu...
- Alberto- Não se assuste, meu amigo. Não se assuste que eu não venho lhe fazer mal. A liberdade me restituiu o juízo. Não vim aqui propositadamente. Passei ao acaso... vi a placa na porta e lembrei-me de entrar para pedir um auxilio e saber noticias da minha mulher. ~~Quero~~ O auxilio que lhe peço não é dinheiro. Quero apenas que me empreste uma roupa mais decente para que eu possa me apresentar deante de minha mulher. O senhor compreende que se eu aparecesse assim deante dela... Todo rasgado... todo sujo... os cabelos desgrehados...
- Edison - Muito bem, seu Alberto, eu estarei disposto a fazer pelo senhor o que me for possível. Antes eu teria a curiosidade de saber como foi que o senhor conseguiu escapar à cela de grades.
- Alberto- Transportaram-me para as cocheiras ao fundo da Quinta e o chagareiro trepando ao telhado, desteinou-o, tirou-me a camisa de forças e emprestou-me estas roupas e algum dinheiro com que consegui escapar.

Edison - É o que tem feito durante esse tempo todo em que esteve desaparecido?

Alberto - Sorriço toda a sorte de trabalhos. Dormindo ao relento e alimentando-me dos restos de comida que procuro de manhã cedo nas latas de lixo das casas ricas.

Edison - Que horror, meu Deus!

Alberto - Tenho procurado desesperadamente a minha mulher, olhando desvairadamente para todas as que passam por mim na rua, mas até agora ainda não consegui encontrá-la. Hoje ao deparar com o seu nome na placa da sua porta, um raio de esperança brilhou de novo na minha vida.

Edison - Pois meu amigo, antes de tudo vou mandar preparar-lhe um banho e uma boa ceia. Depois, calmamente, eu lhe contarei tudo o que sei a respeito de sua esposa.

(CORTINA MUSICAL)

Alberto - É estranho que o senhor não se lembre de mim.

Vernon - Quer dizer... a sua fisionomia não me é estranha. Assim de momento é que eu não me lembro onde o possa ter encontrado.

Alberto - Pois eu lhe direi quem sou e ao que vim. Sou Alberto. O primeiro marido da sua atual esposa.

Vernon - Alber...

Alberto - Alberto, sim. O que o senhor encarcerou e conseguiu enlouquecer para dar vasa aos seus instintos criminosos. Estou aqui para ajustar com o senhor as minhas contas. Estou aqui para fazer justiça pelas próprias mãos.

Vernon - (aterrado) Não se aproxime que eu atiro.

Alberto - Meu peito é de aço e as balas não penetram. (Gargalhadas aterroradoras) Experimente atirar e ha de ver. Elas não penetram, não. A coraça do sofrimento transformou-me no aço invulneravel. Meu peito é de aço, sim. (gargalhadas) Meu peito é de aço!... (Gargalhadas) Minhas mãos são duas torques. São de aço também!

Vernon - Não se aproxime que eu lhe mato.

Alberto - São de aço também as minhas mãos!... (Gargalhadas) Vai ver. Vai ver como elas são de aço também.

Vernon - Não se aproxime. (Tiro e contorsão de Alberto) (Mais dois tiros)

Alberto - Meu peito é de aço! É de aço. (ruído de derrubar cadeiras, vidros e etc)

Vernon - Solte-me! Solte-me! (Quasi sem voz) Socorro! Soco... (extertores dos dois e por fim o silencio) (Passos precipitados que se aproximam e ruído de porta que se abre)

Laudelino - Meu Deus!... Mortos os dois!... (Passos precipitados que se afastam)

(CORTINA MUSICAL)

Marina - Oh doutor! Nem tenho palavras com que possa agradecer-lhe a brilhante defesa em meu favor. Se não fôsse o seu depoimento quanta dúvida ficaria a pairar para sempre no espirito de todos!...

Edison - Não fiz mais do que a minha obrigação, dona Marina. Nada tem que me agradecer. E agora? O que pensa fazer depois de tantas tristezas e aborrecimentos?

Marina - Não sei, doutor. A liberdade inesperada deixou-me completamente tonta e aturdida. Por óra não posso pensar nem deliberar coisa nenhuma.

Edison - Antes de mais nada a senhora terá que se tratar e eu, como médico, vou to-
má-la aos meus cuidados. E agora deixo-a com a sua amiga para que descanse
um pouco. Amanhã voltarei para iniciarmos o tratamento. Adeus.

Zélia - Adeusinho, doutor.

Marina - Até amanhã, doutor. Muito obrigada. (Passos que se afastam)

Zélia - Marina: a tua liberdade não vai ser por muito tempo.

Marina - Como assim, Zélia? O que queres dizer com isto?

Zélia - Esse está aí, está no papo. Não demora muito estás preza outra vez. E eu não
arranjo um desgraçado para me prender!...

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE POR ALGUNS MOMENTOS)

SPEAKER - Ouviram Libertação, mais um trabalho de Roberto Lis para o grande teatro
Difusora, sob o patrocínio do Crédito Cruzeiro.

Oçam, na próxima quinta feira, às mesmas horas de hoje, "MARIDO EM LIQUI-
DAÇÃO" mais um original de Roberto Lis para o Grande teatro Difusora.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO PROGRAMA)
